

N.º 1.

1855

D.º Gomes d'Abreu, Jur.º de Corvallis, e
Cirurgião Am.º Ferraz



Dissertação Académica

para
Concurso.

N.º 1.

1835 No. 1

James C. Allen, Jr. of Lowell,
Mass.



Dear Sir

Yours
Obediently

Wm. Allen

Leja yip ~~no~~ ao processo do ~~seu~~ ~~circulo~~. Coimbra
de Janeiro de 1874.
Z. R. ^{os} Dos meios de conhecer, e determinar as virtudes
pharmacologicas dos Medicamentos.

Z. R. ^{os} Moran Barjona



Até Hippocrates os Medicamentos foram havidos
como divinos, e considerados como presentes dos deus.
Então se empregavam somente medica-
mentos energicos: como opio, aconito, helleboro,
preservação &

Foi este celebre Medico que primeiro estabeleceu
q os Medicamentos obravam simplesmente por su-
as qualidades elementares.

Os trabalhos d'Aristoteles no desinvolvimento da
Zoologia e Botanica deram o principal fundamen-
to a Historia Natural dos Medicamentos, sobre q
Dioscorides estabeleceu a sua Materia Medica, q qual
merito se resentiu da reforma q Galenus fez na
pratica da Medicina.

27. 12. 05

Movos da Barjona



Depois os Arabes muito acrescentaram a Materia Medica principalmente com as substancias lavantes, com q' elles substituiam o uso dos drasticos.

Os Monges pretendiam ainda substituir os meios sobrenaturaes aos medicamentos, mas o uso dos amuletos não fez esquecer os medicamentos já então conhecidos.

Depois de Paracelso começou uma reacção contra os antigos systemas de Dioscorides, dos Arabes, & com ella uma grande reforma, q' baseando-se no progresso da Chimica, Physica e Historia Natural deu em resultado a simplificação dos agentes pharmacologicos.

Cullen occupou-se de estudar a acção immedia

Y. de M. Messas Barjeana

ta dos medicamentos sobre a economia; Brown
com mais especialidade dirigiu os seus trabalhos pa-
ra os agentes tónicos e excitantes; e Broussais pa-
ra os emolientes, querendo porém riscar da Ma-
teria Medica os vomitivos.

Porém a Materia Medica só começou a ter o
seu devido desinvolvimento, quando os effectos dos
medicamentos se estudaram nos solidos, nos flui-
dos e nas propriedades vitas. Neste ponto
muito se deve a Magendie, Barbier, Thompson,
Pereira, Boucharlat e outros.

No estado actual da sciencia, para q' uma subs-
tancia se possa chamar medicamento, é necessa-

4^{ta} Ed. 1^{ra}ª Moraes Barboza

rio q̄ tenha sobre a economia animal uma accção capaz de produzir uma mudança qualquer, q̄ylopa conduzir ao restabelecimento da saúde, quando esta se achá alterada

Os effeitos q̄ immediatamente succedem á impressão do medicamento são chamados primarios ou physiologicos; e secundarios os q̄ apparecem depois como dependentes delles. Mas tanto uns como outros podem ter lugar no estado physiologico ou pathologico.

O principio da accção q̄ produce estas mudanças é o q̄ denominamos - virtude pharmacologica.

Supponhamos agora a substancia medicamentoza devidamente applicada ao organismo em certo e determinado estado, mas q̄ não é estado normal. Se em resultado de todas aquellas mudan-

J. P. Moray Barjona

cas, ou de uma parte dessas, e se determinado es-
tado anormal vem a cessar, a virtude pharmaco-
logica, ennobrecida com este beneficio feito aos se-
res q' padecem por doença, recebe então o nome de
virtude therapeutica

A virtude pharmacologica consiste pois no poder ou
faculdade q' tem o medicamento de modificar a eco-
nomia animal obrando physica, chimica ou dy-
namicamente.

Portanto para se avaliarem os meios de conhe-
cer e determinar as virtudes pharmacologicas dos
medicamentos devem ter-se em vista: 1.º conheci-
mento physico e chimico do medicamento; 2.º co-
nhecimento da economia e suas especialidades.

674. Dr. Moisés Pasjona.

Estes meios reduzem-se á observação dos effeitos do medicamento applicado em diversos estados, em diferentes individuos, em diversas especies: e daqui vem a necessidade dos ensaios dos medicamentos no estado physiologico e pathologico no homem e nos outros animaes.

E' sobre tudo nestes ultimos q' melhores esclarecimentos se podem colher destes ensaios: não só pela liberdade de se poderem variar e até exaggerar as doses do medicamento, mas tambem por se poderem mais facilmente apreciar os effeitos por meio das vivi-dições.

Não bastam ainda todos estes meios para conhecer e determinar as virtudes pharmacologicas dos medicamentos. O conhecimento do medicamento, o seu ensaio no estado physiologico e nas diversas con-

dicões pathologicas, e o ensaio nos outros animaes não são sufficientes, por isto q̃ alguns medicamentos, assim como os modificadores hygienicos e morphificos, tem certa predilecção para certos e determinados orgãos. Portanto é necessario q̃ o ensaio dos medicamentos se faça sobre os diversos aparelhos do corpo animal.

Determinar a virtude pharmacologica de cada medicamento é apreciar a impressão q̃ elle produz na economia animal e a mudança q̃ esta ocasiona nos solidos, nos fluidos, ou nas propriedades vitales. Um ou mais orgãos, tanto no estado de saude como nium dado estado pathologico, e o grão d'intensidade desta impressão occasionada por uma dada dose de medicamento

nas diferentes variantes de constituição de temperamen-
to & de cada individuo. Mas é evidente q̃ não se pode
chegar a este conhecimento complexo senão por me-
io do ensaio dos medicamentos nestas variadas con-
dições

A acção physica ou mecanica dos agentes phar-
macologicos revela-se-nos pelas alterações de for-
ma, de posição relativa, de cohesão ou ~~de~~ altera-
ção physica. Assim o mercurio obra mecanica-
mente pelo seu peso no volvulus intestinal; e do
mesmo modo segundo muitos pharmacologistas
obra a limalka d'estanho contra os vermes intes-
tinaes. Da mesma maneira alguns medica-
mentos parece obrarem por endormose e exor-
mo-se como acontece a respeito dos purgantes.

32. 2. 1871. Moraes, Barjoro

A accção chimica manifesta-se por alteração chimica
ou dos tecidos ou dos líquidos do organismo e por al-
guns productos animaes: os alcalis e os ácidos ingeri-
dos no estomago vão alterar os succos gastricos
nuns casos, n'outros vão alterar as qualidades chi-
micas da urina fazendo-a mudar d'alcalina para
ácida e vice versa, e p.^a esta forma combater as af-
fecções calculosas - A ruiva dos tintureiros com-
bina-se com a substancia opca. Capim muitos
outros factos provam a accção chimica dos agentes
pharmacologicos

Os medicamentos q.^e modificam as propriedades
vitalaes do corpo organico, podem diminuir exag-
gerar ou prevenir esas propriedades transmittin

do sua acção d'um outro ponto do organismo por meio
dos nervos ou dos vasos: assim as substancias q' im-
pressionam o estomago, vão reflectir a sua acção so-
bre pontos muito distantes, pela mesma forma q'
em estados pathologicos a perturbação d'uma função
vai occasionar as d'outras muito distantes como acon-
tece no tetano em q' o ferimento, num ponto vai
perturbar funções em órgãos muito distantes. As
experiencias de Brodie e Treer mostram q' o oleo es-
sencial d'amendoas amargas, acido prussico, stry-
chnina & produzem convulsões e outros pheno-
menos geraes no organismo, apenas postos ligei-
ramente em contacto com a lingua aquelles medi-
camentos.

Por meio da absorpção o medicamento pode correr

J. B. ^o Mores Barjona

em poucos segundos todo o gyro da circulação e ser posto em contacto com todos os órgãos confundindo assim os seus effectos com os da acção, transmittida por meio dos nervos

A acção primitiva dos medicamentos, q̄ como acabamos de ver pode ser physica chimica ou dynamica, e n̄ uns casos a propria virtude pharmacologica, e n̄ outros casos e esta o seu resultado ou effeito.

Para podermos conhecer e determinar esta acção temos enumerado diversos meios; e todos estes são indispensaveis para se obter um exacto conhecimento da virtude pharmacologica, por q̄ um só d'elles n̄o satisfaz.

19. 2. 1848. *por* *M. M. Barjona*

É louvável a circunstanciada descripção q' exige o methodo homoeopatico das mudanças produzidas na economia animal por cada um dos medicamentos; todavia isto não basta por q' se limita só ao estado physiologico. A favor deste meu ensaio se alega q' o estado physiologico é menos incerto q' o estado pathologico por q' naquelle ha menos alterações e p. consequencia mais simplicidade em avaliar os effectos q' produce na economia o medicamento. Porém este ensaio não satisfaz, por q' a virtude do medicamento, obtida por este meio, é o producto de dous factores—medicamento e orgão: variando este no estado pathologico não pôde tirar-se por inducção o producto q' hade resul-

Z. R. M. M. Barjona

tar nos casos pathologicos, por q' nestes deve variar
(como varia) um dos factores.

E' bem sabido q' o homem doente vive e sente
dum modo particular; por isso e' forcoso para co-
nhecer a accção pharmacologica dos medicamentos
ensaiar-os neste estado particular. Demais muitos
dos effeitos q' o medicamento produce no estado patho-
logico, não tem representantes nos effeitos physio-
logicos: assim a accção dos antispasmodicos, do tartaro
emetico nas inflamações pulmonares, da quina
nas intermittentes, &

O ensaio no estado pathologico tem em seu fa-
vor fazer-nos conhecer a accção do medicamento
to no estado em q' a therapeutica o manda ap-
plicar; e por isso e' esta accção a mais bem deter-

Mag. J. B. Barros Parizona

minada, e aquella com q' mais deve contar o medico pratico.

Mas não se deduza daqui q' o ensaio no estado physiologico é inutil. Bem outra deve ser a conclusão q' se tira dos principios expostos. O ensaio physiologico deve servir como uma investigação preliminar da accção do medicamento q' tem de se avaliar num dado estado pathologico em certas e determinadas circumstancias da economia.

É piorem forçoso confessar q' no homem nem sempre podem aquelles dois ensaios dar-nos completo conhecimento da virtude pharmacologica pela difficuldade q' ha em repetir e variar aquelles ensaios. Eisahi por q' se recorre aos ensaios nos ani-

J. B. de Moraes, São Paulo

15

mas fazendo-se applicação ao homem, dos effectos obtidos nos animaes q' mais se lhe assemelham na sua organisação. Todavia estes ensaios só' por si não seriam sufficientes, por q' cada especie tem uma vida particular, q' se não pode concluir dos phenomenos organicos d'uma para outra, senão com mais ou menos probabilidade, e nunca com exactidão. E assim como o sangue d'uma especie transfundido noutra altera a saúde do individuo para o qual se fez a transfusão, assim a acção do medicamento deve variar alguma coisa em especies differentes.

Do q' fica exposto concluímos q' sem se desprezarem varios meios seguidos por antigos e modernos, meios q' já gozaram de muito favor,

16
Zl. Dr. Moisés Parjona

q̄ foram e podem ser de incontestavel utilidade, como o
naturalmente mostrarei; não obstante tudo isto, as experi-
encias, no estado de saude, no estado de molestia, quer
feitas no homem, quer nos animaes, auxiliadas pelo
conhecimento da composição e propriedades da substancia
medicinal, pelo conhecimento da composição e
disposição anatomica do orgão, da função q̄ elle exer-
ce, e suas variadas alterações, são os meios princi-
pales e mais proficuos q̄ nos podem levar ao conhe-
cimento completo da virtude pharmacologica, ponto
de partida dos effectos primarios e secundarios, ou de
todas as mudanças organicas ou funcionaes q̄ se
lhe succedem.

sem deixar registar por
nós, rubricadas.

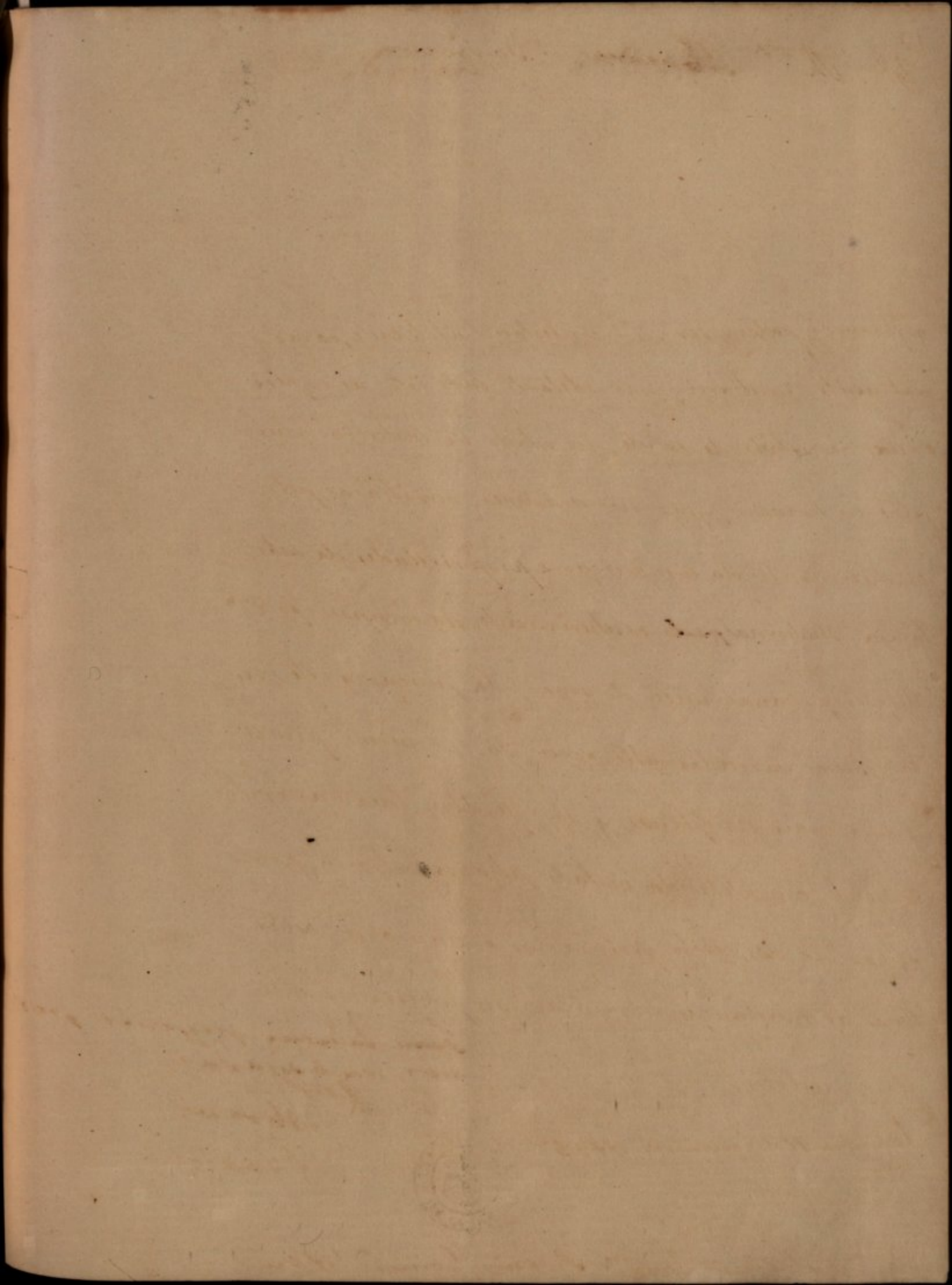
Z. Dr. Moisés

Parjona

Combra 11 de janeiro de 1955



Antonio Joaquim Ribeiro Gomes (Abreu)



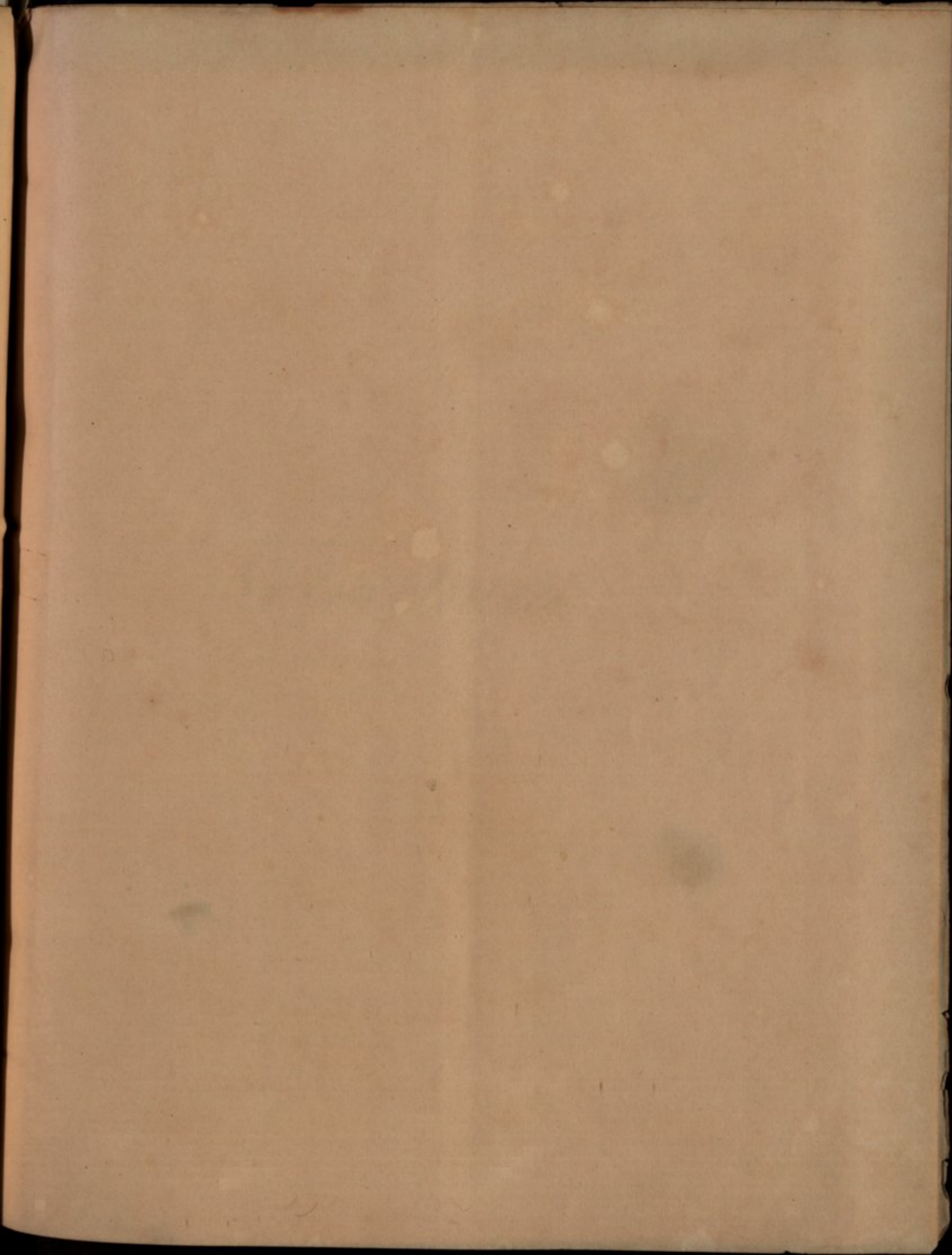
29. H. H. Brown, Esq.

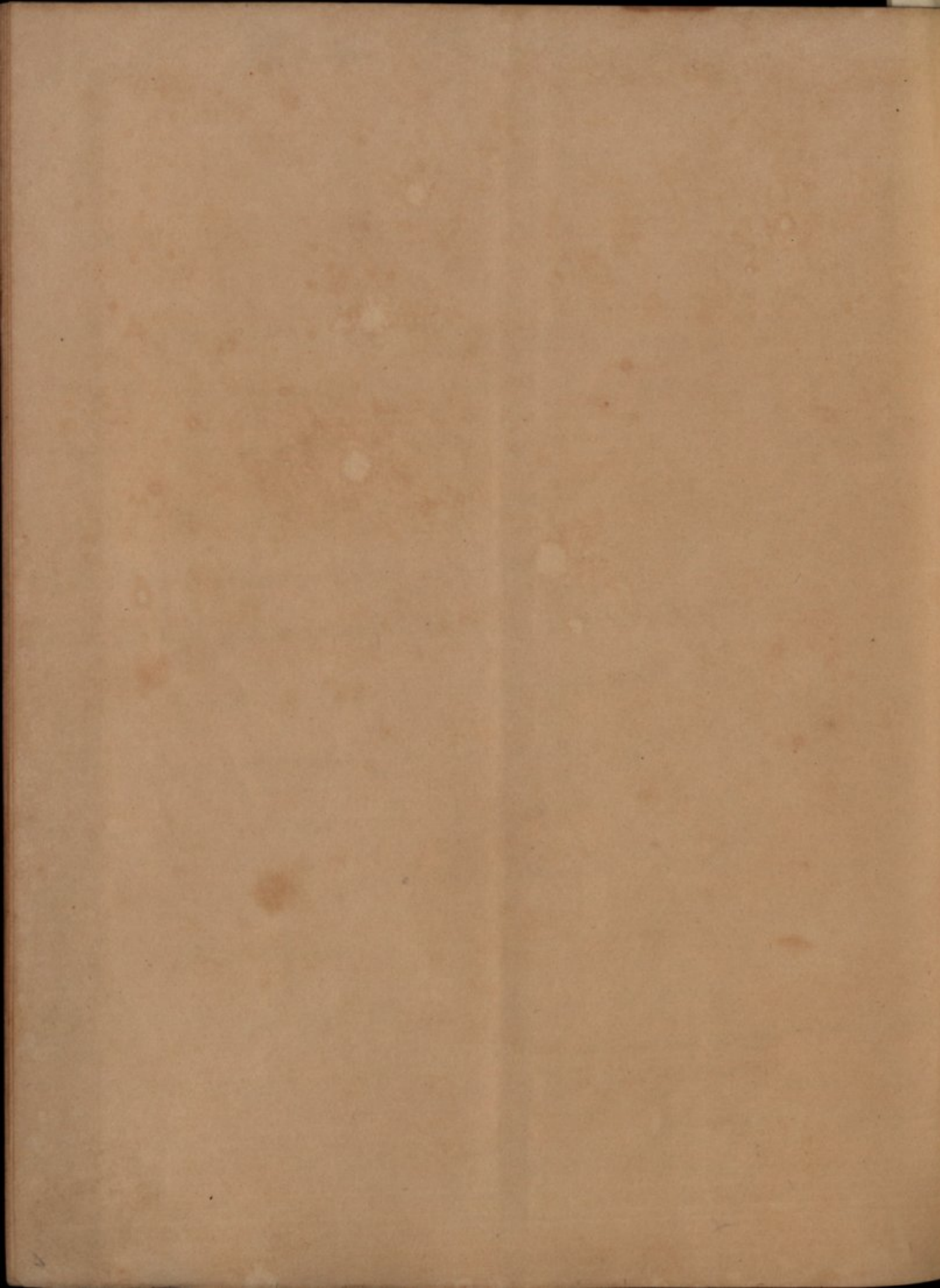
Faint handwritten text, likely a letter or memorandum, covering most of the page. The text is mostly illegible due to fading and bleed-through.

Very faint handwritten text at the bottom right, possibly a signature or address.



Faint handwritten text at the bottom left, possibly a date or reference number.





Dissertation

1792

